



Manuel Monteiro
mfmonteiro@netcabo.pt

Autismo e crise financeira

Autismo

A convite de um empresário de Viana do Castelo, o Mário Franco, assisti no passado sábado a uma parte do colóquio promovido pela Associação dos Amigos do Autista. Recebi uma lição de vida e aqui o assumo com total humildade. Ocupado tantas vezes comigo próprio, convencido que os meus problemas são os mais importantes, obtive um testemunho de pais, de irmãos, de amigos, que diariamente vivem, e convivem, com o autismo e pude entender como é tamanha a minha pequenez diante a grandeza de quem por amor, nada mais do que amor, abdica de si próprio. Mas ao mesmo tempo em que recebia essa lição de vida, de imediato reconheci quão fútil é muita da nossa actividade política, perante o esquecimento e a indiferença face a problemas reais e profundos de tantas e tantas famílias portuguesas. Também aqui me penitencio porque apesar de nunca ter sido governante a minha voz já se poderia ter feito ouvir propondo e defendendo alterações substanciais no modo de funcionamento de várias das instituições e serviços a quem, directa ou indirectamente, os pais se dirigem solicitando apoio, pedindo ajuda. Será afinal razoável que o Estado gaste dinheiro na construção, e manutenção, de infraestruturas estereis, como tantos estádios de futebol, e não tenha dinheiro para contratar profissionais que nas escolas acompanhem os jovens com este e outros problemas? Será afinal razoável que o tempo médio das consultas de acompanhamento, tal como me referia o Mário Relvas, pai de um jovem com autismo, dure pouco mais de 15 minutos? Será afinal razoável que esbanjemos recursos na promoção de festas e não possuamos os meios necessários, para dizer às famílias dos autistas que estamos ao seu lado? Não é razoável, não é sequer digno. E um Estado que abandona estas famílias não é pessoa de bem. Cabe-nos tudo fazer, para que se registem mudanças. E eu digo presente nessa vontade, nessa missão. Obrigado, pois, pela lição de humanismo que me deram.

A crise financeira

Nota prévia: há umas verdades ditas absolutas, proclamadas por ilustres iluminados, que têm ditado quer as regras da nossa vida, quer o funcionamento das economias globais. Pessoas cuja opinião não pode nunca ser contestada definem círculos de comentário e de análise e ai de quem se atreva a duvidar do seu superior pensamento. Os seminários, os colóquios, as universidades, os jornais, as televisões, estão repletos de "sábios" e a simples confirmação, ou reforço, das brilhantes teses aí proferidas é atributo mais do que suficiente, para podermos entrar na roda mágica do sistema, logo do poder. Acontece que estes "sábios" não conseguem explicar-nos como somos chegados aqui. Acabaram com as fronteiras em nome de fantásticas teorias e o mundo tornou-se mais inseguro; acabaram com todo o tipo de barreiras alfandegárias e as empresas fecham em catadupa; acabaram com a possibilidade das economias nacionais possuírem mecanismos próprios de defesa e a vida dos cidadãos ficou mais cara, com um correspondente nível de vida cada vez mais baixo. Devíamos pedir-lhes que fossem humildes e que reconhecessem o erro. Um erro que custa muito a muita gente.

Mas falemos da crise financeira. Sempre defendi que a finança serve a economia e que esta serve as pessoas. É uma trilogia simples contendo um princípio que considero fundamental: o início e o fim de tudo são os homens. Os homens concretos e as suas famílias, pelo que tudo o mais é retórica e retórica em mui-

tas circunstâncias desumanizada. Acontece que a economia deixou de servir os homens, para estar exclusivamente ao serviço da finança e a finança passou a viver para si própria. Passou a viver para si própria quando se multiplica em função de produtos exclusivamente por si criados e passou ainda a viver para

si própria, quando o valor financeiro dos bens é, em inúmeros casos, imensamente superior ao seu valor económico. Se a banca dá lucro sem sustentabilidade empresarial e produtiva, isso não pode forçosamente significar, que haja boa gestão num dos lados e má gestão no outro. E o resultado está à vista. Temos mantido "negócios" feitos à custa de empréstimos sobre empréstimos e criámos a ilusão de uma riqueza, que na realidade

“
Será afinal razoável que esbanjemos recursos na promoção de festas e não possuamos os meios necessários, para dizer às famílias dos autistas que estamos ao seu lado? Não é razoável, não é sequer digno. E um Estado que abandona estas famílias não é pessoa de bem. Cabe-nos tudo fazer, para que se registem mudanças
”

nunca existiu. Ou se existiu e existe está super concentrada numa ínfima minoria de indivíduos, cuja facilidade de movimentar capitais em nada se coaduna com a capacidade para gerar mais-valias, produção e empregos. Ora isto é, simplesmente, a subversão total das mais elementares regras da economia de mercado e é ainda a oportunidade, já julgada perdida, para os marxistas exultarem considerando que estamos a assistir ao canto de finados da chamada economia capitalista. A situação é assim duplamente grave. É grave em primeiro lugar porque os erros têm como principais vítimas as pessoas e é grave em segundo lugar, porque em nome da liberdade económica permitimos que meia dúzia de especuladores sem escrúpu-



Acácio de Brito
acaciodebrito@gmail.com

Outro ponto de vista...

O tempo de hoje é momento de dificuldades. Não se perscruta, vive-se.

Num "outro ponto de vista", uma das principais causas para este manifestar contínuo de dificuldades, crescentes, radica numa crise de valores profunda.

O nosso declínio tem a ver, acima de tudo, com uma crise moral que abala não só o sentido de autoridade, mas também os valores autênticos da solidariedade.

E, no cerne desta crise está a desvalorização contínua do trabalho.

Tudo voltará a ser possível se a natureza do trabalho voltar a ter um outro sentido, uma nova valoração.

Coloque-se, novamente, o trabalho no seu lugar, no centro da sociedade e da política, pois a riqueza não pode ser criada do nada, como em tempos sugeriram alguns utópicos. Com seguidores, ainda hoje!

Tal utopia custou tanto a tantos que, de facto, não podemos acreditar no pensamento fantasioso de uma nova economia que tem na sua base o fim do trabalho.

Não existem almoços grátis!

Tudo deve e tem de ser ganho.

Temos de voltar a acreditar no valor moral cívico, económico e social do trabalho.

Todos no mundo trabalham mais, em Portugal propõe-se que se trabalhe menos.

Esse é um dos nossos maiores problemas.

As propostas dos nossos iluminados da esquerda moderna há muito se distanciaram dos trabalhadores, traindo-os mesmo, porque não os compreendem.

Propõe uma sociedade minimalista, defendem direitos, salários, esforço, deveres e trabalho pelo mínimo, pela coisa nenhuma.

O que temos de propor é o oposto. Uma sociedade maximalista. Exigente. Com salários, poder de compra, cultura, segurança, sucesso, propriedade, direitos e deveres, respeito, esforço e trabalho máximos.

Estes são os verdadeiros valores da sociedade.

Portugal não está condenado ao marasmo do que nos têm proposto. Não está atrasado em relação aos seus parceiros de um mundo europeu pela falta de vontade de muitos, está assim porque alguns políticos invertem e invertem, muitas vezes, as suas prioridades e valores.